

**A BARONESA**  
**UMA NOVELA FOTO-ÁUDIO-ENSAÍSTICA**  
**EM DUAS VOZES E DEZ CAPÍTULOS**  
**DE**

**CHARLES ALLINGTON**

HOMEM: Fatos e interpretações

MULHER: Charles acompanha as feições do advogado de defesa. Aprendeu a identificar nos menores detalhes indícios do que seja a verdade, nada mais que a verdade.

Os fios dos cabelos louros quase brancos do advogado de defesa começam a se soltar na testa. Seria sinal de que começava a perder o controle da situação?

HOMEM: Nem sempre Charles conseguiu manter o controle da situação. Muitas vezes tomava o lado direito da rua quando era para tomar o esquerdo, mas pensava que era porque em Londres se dirigia no sentido contrário ao de Viena, e nunca dera muito valor à própria confusão.

MULHER: As feições do advogado de defesa transparecem a surpresa. Se Charles pudesse entrar na cabeça do advogado veria a cena do pai de Natália contando uma história completamente diversa, o advogado de defesa certo da vitória do caso no futuro tribunal, ele recebendo o olhar de agradecimento da baronesa, e, quem sabe, sentaria na primeira fila no Viena Staatsoper para assistir aos espetáculos da primeira soprano da Companhia Azul.

HOMEM: As mãos do advogado de defesa se contorcem. Seriam as mãos as partes do corpo mais importantes de um homem? As ferramentas de trabalho que traduzem os pensamentos em ações, os fatos em interpretações?

Charles respira fundo e resolve se impor. Resolve enfrentar a situação de que há algo não revelado pelo pai da baronesa, há algo de estranho na angústia do advogado, há algo que tem de ser feito para livrar a baronesa de uma incontestável prisão.

MULHER: O pai de Natália olha a cena de outro ângulo. Vê o advogado de defesa tenso, o detetive Charles Allington na iminência de se levantar, a filha se encolhendo, chorando, o rosto pálido no banco dos réus.

Qual seria a verdade que o pai irá revelar? Qual seria a verdade original? E se dissesse que o genro fugiu para os Estados Unidos da América por sua imposição?

Trocaria de lugar com a filha no banco dos réus? E se dissesse que a filha chegou sozinha do jantar na casa dos Mahlers? A condenaria para sempre? Seria Natália forte o suficiente, assim como Electra vingou a morte de Agamenon?

HOMEM: A baronesa, encolhida no banco dos réus, tenta enxugar as lágrimas do rosto pálido com o lenço de renda. Mas as lágrimas brotam feito cachoeira, feito águas de cachoeira que não pedem licença às pedras para cair, juntar-se ao rio e correr em direção ao mar.

MULHER: Não veria mais o mar? Uma vez viajaram para a Normandia, na França. Ela, o pai e a mãe. E foi uma viagem tão suave, conheceram o Monte Saint-Michel e o mar avançando lentamente na direção da rocha, o pai ajudando-a com o vestido de criança, as saias e mais saias que engordavam o corpinho magro.

HOMEM: Eles chegaram ao topo do Monte e o mar os acompanhando, fechando o cerco aos habitantes e visitantes que somente poderiam descer quando a maré novamente baixasse, a terra secasse, como se fosse o dia em que as águas do dilúvio secaram e os animais, de par em par, desceram da arca de Noé.

MULHER: Natália, feito um animal acuado, encolhe-se no banco dos réus, sem saber o que o pai fará do seu futuro.

HOMEM: O juiz observa o tribunal. Ele tem o poder de vida e de morte de Natália, de prisão do pai por falso testemunho e de liberação da filha por inocência. Ele é deus na terra dos homens comuns. Pode decidir pela direita ou pela esquerda ou a todos inocentar.

HOMEM (VOZ MAIS VELHA): – Ninguém é o culpado.

MULHER: Ele poderia repetir a frase do pai, a frase da filha, a frase que Charles Allington repetia para si mesmo como se fosse um refrão.

E, como em um refrão que na poesia empresta musicalidade e na prosa reforça a intenção, o juiz pede para se reunir, em particular, com o pai e a filha, na sala anexa ao tribunal.

HOMEM: Eles passam muito tempo trancados naquela sala. O barulho do tribunal impede Charles de escutar qualquer exaltação de voz, muito menos sussurros suplicantes de uma filha para seu pai.

Charles olha para o ilustre advogado de defesa e compartilha a sua dor. Ambos apaixonados, ambos fracassados na tentativa de salvar a amada.

E agora Charles faz Poesia, não faz mais Prosa. Prefere viver a realidade ferida do eu lírico a ficar procurando pistas pragmáticas, objetos concretos alicerçados na racionalidade.

Vê a luz da tarde adentrando as frestas das janelas do tribunal. Escuta distante, mas ainda escuta o canto dos pássaros na praça defronte. Aspira o doce aroma das tulipas trazido pela brisa da praça para as cadeiras vermelhas da corte.

E sente-se transportar para uma época atávica, em que homens e mulheres passeavam livres no centro da urbe, não precisavam esconder os sentimentos. A liberdade alisando o veludo dos seus corpos nus.

MULHER: O juiz, o pai e a filha saem da sala anexa. Eles saem sérios, mas calmos. Seguem para suas cadeiras, o trono, o púlpito e o banco dos réus.

O julgamento será reiniciado em alguns instantes. Mas, enquanto a realidade não toma conta dos espaços vazios, enquanto o silêncio protege todos do caos e da insubordinação, Charles pensa ver por um segundo um discreto sorriso no rosto ainda cabisbaixo da baronesa.

De repente, é para ele que ela olha.

HOMEM: O julgamento é reiniciado. O advogado de defesa à direita, o de acusação à esquerda, o juiz ao centro.

O pai continua a sua fala, mas se redime do engano por causa da idade. A filha chega com o genro umas duas horas da madrugada. A filha dorme, o genro foge para

nunca mais voltar. Ele deve uma quantia exorbitante ao sogro, além de perseguido pela maioria dos maridos e pais das damas da cidade, a quem, de alguma forma, fez o mal.

A baronesa está feliz. O advogado de defesa está feliz. Charles começa a ficar feliz quando percebe que Natália não olha mais para ele, e sim para o ilustre advogado. Parece vê-los em um futuro próximo passeando com Lukas, sogro e sogra, uma família próspera no Stadtpark.

O escritor toma a velha caderneta. Risca o fim miraculoso. Volta à prosa, abandona a poesia de sua mãe. Resolve dar à baronesa o desfecho que ela merece.

O juiz, o pai e a filha saem da sala anexa. Eles saem sérios. E ponto final.